



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

INÁCIA HOSANA FEITOSA

**O REINO DOS CONTOS DE FADAS E O REINO DOS VALORES: uma visão
logoterápica**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

INÁCIA HOSANA FEITOSA

**O REINO DOS CONTOS DE FADAS E O REINO
DOS VALORES: uma visão logoterápica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

F311r Feitosa, Inácia Hosana.
O reino dos contos de fadas e o reino dos valores
[manuscrito]: uma visão logoterápica. / Inácia Hosana
Feitosa. – 2012.
27 f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2012.
“Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira
Gaudêncio, Departamento de Ciências Biológicas e
da Saúde”.

1. Logoterapia. 2. Contos de fadas. 3. Valores. 4.
Psicologia. I. Título.

21. ed. CDD 616.891 6

INÁCIA HOSANA FEITOSA

**O REINO DOS CONTOS DE FADAS E O REINO
DOS VALORES: uma visão logoterápica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de psicólogo.

Aprovada em 05/07/2012.



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Orientador



Prof. Esp. Gutemberg Germano Barbosa / UEPB
Examinador



Prof. Ms. Adriana Soares Nascimento / UEPB
Examinadora

O REINO DOS CONTOS DE FADAS E O REINO DOS VALORES: UMA VISÃO LOGOTERÁPICA

The realm of fairy tales and the realm of values: a logotherapeutic vision

Inácia Hosana Feitosa

Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba

E-mail: inaciafeitosa@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende mostrar que, além de estórias fantásticas, os contos de fadas contêm valores e que estes podem ser identificados através das vivências e das atitudes de suas personagens. Os valores são aqui tomados de acordo com a logoterapia e análise existencial de Viktor Frankl, em cujos princípios estão a busca do sentido na vida, como motivação primária da existência humana, e a realização de valores, como essencial ao homem para o encontro do sentido existencial. Nomeados em categorias denominadas de criativas, vivenciais e atitudinais, tais valores são encontrados pelo homem, nas relações deste com o mundo, nos encontros com os seus semelhantes e nas experiências de sofrimento pelas quais passa. Dessa forma, foram analisados os contos de fadas *Cinderela*, *João e Maria* e *A galinha ruiva*, verificou-se a atitude das personagens perante seus conflitos existenciais e como estas vivenciavam as possibilidades de sentido oferecidas pela vida. Correlacionando as estórias dos contos de fadas com a existência humana, pode-se verificar que posicionar-se diante dos desafios existenciais, é fazer uso de possibilidades e responder à vida.

Palavras-chave: Contos de fadas. Valores. Logoterapia

ABSTRACT

This article intends to show that, in addition to fantastic stories, fairy tales contain values and that these may be identified through the experiences and attitudes of their characters. The values here are taken according to logotherapy and existential analysis of Viktor Frankl, whose principles are in the search for meaning in life, as the primary motivation of human existence, and the realization of values as essential to man to meet the existential sense. Nominees in categories called creative, experiential and attitudinal, such values are found by man in its relations with the world, in meetings with their peers and the experiences of suffering for which it passes. Thus, we analyzed the fairy tale *Cinderella*, *Hänsel and Gretel* and *The Little Red Hen*, there was the attitude of the characters before their existential conflicts and how they experienced the sense of the possibilities offered by life. Comparing stories with fairy tales of human existence can be seen that place in front of the existential challenges is to make use of opportunities and respond to life.

Key-words: Fairy tales. Values. Logotherapy.

INTRODUÇÃO

Tomando como ponto de partida a obra “A psicanálise dos contos de fadas”, do reconhecido psicanalista Bruno Bettelheim, que expõe as contribuições dadas pelos contos de fadas para o desenvolvimento infantil a partir de uma visão psicanalítica, aqui intentamos mostrar que os contos de fadas contêm valores que merecem ser investigados à luz da Logoterapia.

Como bem sabido, a logoterapia preconiza que a realização do homem está na busca do sentido da vida, sendo esta a sua motivação primária, e que é através da realização dos valores que o homem encontra o seu sentido existencial. Tais valores são encontrados nas relações do homem com o mundo, nos encontros com os seus semelhantes e nas experiências de sofrimento pelas quais passa (FRANKL, 1989).

Embasado na filosofia de Max Scheler, Frankl nomeia os valores em categorias e denomina-os de valores criadores, valores vivenciais e valores atitudinais. Entende que essa última categoria tem supremacia sobre as demais, não retirando a validade das outras.

Os valores nos contos de fadas são identificáveis através das vivências e tomadas de decisões das personagens. Dessa maneira, há uma ponte, nem sempre visível, que une a fantasia e a realidade, ponte que é percebida por aquele que, ao adentrar a estória do conto, consegue identificar-se com as experiências de alguma personagem e como esta busca soluções para alguma problemática existencial, podendo, a partir de então, creditar a si mesmo decisões relacionadas à própria vivência e posicionar-se perante a vida.

Mesmo não se referindo ao mundo exterior, embora, muitas vezes, inicie de maneira realista, os contos de fadas trazem em si os traços do cotidiano, “sua forma irrealista torna óbvio que a preocupação do conto de fadas não é uma informação útil sobre o mundo exterior, mas sobre os processos interiores que ocorrem no indivíduo” (BETTELHEIM, 1980, p. 34).

Portanto, este ensaio se justifica, enquanto trabalho de conclusão de curso, como procedimento básico para a obtenção do título de psicóloga junto à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, apresentando-se como uma instigante temática no tocante à relação entre contos de fadas e valores na logoterapia,

considerando-se a importância dos contos de fadas na vida da criança e dos valores já que tal modalidade de literatura é portadora.

De cunho eminentemente hermenêutico, este trabalho procura relacionar estes dois reinos, o dos contos de fadas e o dos valores, traçando um histórico sobre os contos de fadas e explanando sobre os valores tal como são apresentados pela logoterapia. Objetivamos, dessa maneira, realizar uma análise logoterápica dos valores subjacentes aos contos de fadas elencados.

Para tanto, apresentaremos um histórico sobre os contos de fadas, relataremos um pouco sobre o desenvolvimento da logoterapia, assim como sobre seu fundador. Abordaremos as referidas categorias de valores que compõem nosso recorte da abordagem neste trabalho, trazendo a contribuição da filosofia de Max Scheler, no tocante aos valores. Narraremos os contos de fadas escolhidos, identificando, posteriormente, o valor característico em cada conto abordado e, em seguida, faremos a análise de como estes valores se apresentam nos contos a partir das categorias expostas.

O REINO DOS CONTOS DE FADAS

Desde tempos imemoriais, o homem tem um grande fascínio por tudo que diz respeito ao desconhecido e ao que desafia sua compreensão, sendo seduzido pelas narrativas, visto que estas relatam experiências vividas, falam do sobrenatural, dissertam sobre a condição humana ou indicam um novo horizonte existencial. Seja de maneira simbólica ou realista, o homem transita entre o real e o imaginário na busca de conhecer a sua própria história ou de como conhecer-se, visto ser um mistério a si próprio. A esse respeito Coelho (1987, p. 10) sinaliza:

O desconhecido exerce sobre ele um desafio constante. Assim, como a História nos mostra, desde os primórdios, os homens lançaram-se no encaço do conhecimento e tentaram vencer os poderes e mistérios que ultrapassavam os limites daquilo que, neles, era simplesmente humano.

Nesse processo de conhecimento, a literatura surge como expressão significativa no registro de seu legado e/ou façanhas. Assim, as diferentes maneiras de contar histórias foram tomando formatos diversos e, dessa maneira, surgiram fábulas, contos exemplares, contos maravilhosos, contos de fadas, mitos, lendas, romances, novelas, sagas... uma infinidade de narrativas que foram sendo

conservadas ou transformadas até adquirirem o formato que conhecemos atualmente, tal como se dá, *v. g.*, nos contos de fadas.

O surgimento do conto de fadas perde-se no tempo. Originalmente, eram narrativas transmitidas pela oralidade, ao longo de gerações, e não eram destinados ao público infantil, mas narrativas construídas para o universo adulto. Suas histórias eram recheadas de cenas violentas, adultérios, canibalismo, mortes hediondas, incestos e todo e qualquer tipo de componente do imaginário adulto. Seu exercício dava-se nos campos de lavouras, salas de fiar, reuniões sociais em torno de fogueiras e todo e qualquer lugar em que os adultos se agrupavam. Não tinham o aspecto de entretenimento, na verdade, eram responsáveis pela formação coletiva da espiritualidade e da cultura de inúmeros povos (SCHNEIDER e TOROSSIAN, 2009).

A origem dos contos de fadas é atribuída a culturas ancestrais, que se intercruzaram no tempo, impossibilitando, dessa forma, precisar sua fonte primeira, como nos mostra Coelho (1987, p. 16):

Os vestígios mais remotos, localizados por [...] estudiosos, remontam a séculos antes de Cristo e provêm de fontes orientais e célticas que, a partir da Idade Média, foram assimiladas por textos de fontes europeias. A despeito das muitas pesquisas desenvolvidas, foi impossível determinar quais teriam sido os textos matrizes "puros", tal a amálgama de fontes que se fundiam nas narrativas recolhidas.

Tais narrativas têm uma característica em comum - o caráter do maravilhoso, ou seja, as situações relatadas ocorrem fora do entendimento real da dicotomia espaço/tempo e são realizadas em locais vagos ou indeterminados, não obedecendo às leis naturais que regem a vida humana. As ações escapam à facticidade e seu desenlace final é desenvolvido graças a meios sobrenaturais. Deixa-se o mundo real e adentra-se no mundo da fantasia.

Há diferenças, no âmbito dos estudos literários, no tocante à estrutura dessas narrativas. Há também autores que tecem diferenças entre contos de fadas e contos maravilhosos. Não exploraremos tais distinções, enquanto optamos pela definição exposta por Schneider e Torossian (2009), que nos dizem:

Os contos de fadas distinguem-se das demais histórias infantis por características como o uso de magia e encantamentos, um núcleo problemático existencial no qual o herói ou a heroína busca sua realização pessoal e, finalmente, a existência de obstáculos a serem enfrentados pelos heróis.

Permeados por fadas-madrinhas, bruxas, reis e rainhas, animais falantes, ogros, lobos, figuras que personificam o bem e o mal, seus heróis estão sempre às voltas com grandes desafios e em busca de transpor obstáculos e triunfar sobre o mal. Essas histórias cheias de magias e encantamentos trazem em seu bojo os elementos necessários para que um leitor ou um ouvinte da narrativa identifique sua problemática existencial.

O conto de fadas tal qual o conhecemos hoje nasceu na corte francesa de Luís XIV (Séc. XVII), quando Charles Perrault, atraído pelos relatos maravilhosos/exemplares, frutos da memória popular, põe-se a redescobri-los e passa a publicá-los, muito embora não fosse sua preocupação inicial atingir um público infantil (COELHO, 1987), vez que a infância àquela época não era reconhecida como o é atualmente e a visão sobre o infantil só viria a consolidar-se nos séculos seguintes.

Posteriormente (sécs. XVIII e XIX), os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm publicam *Contos de fadas para crianças e adultos*, uma coletânea de narrativas maravilhosas, lendas ou sagas germânicas que foram transcritas a partir de relatos orais (*idem*,1987).

Também o poeta e novelista dinamarquês, Hans Christian Andersen, a exemplo dos irmãos Grimm, vai buscar na literatura popular nórdica as narrativas guardadas por gerações. Entretanto, há um diferencial em Andersen, pois este, além de contar as histórias *colhidas*, irá criar outras tantas, sendo considerado o pai da literatura infantil como hoje a conhecemos. Sua forma de narrar é destinada ao público infantil e em algumas de suas histórias a criança surge como personagem principal.

Muito já se tem falado e escrito sobre esta modalidade de literatura, abordando as variadas questões pertinentes ao seu entendimento, assim como as mais variadas interpretações são, também, realizadas a partir dos contos de fadas. “Os folcloristas abordam os contos de fadas de modo apropriado à disciplina deles; os linguistas e críticos literários examinam seus significados por outras razões” (BETTELHEIM, 1980, p. 21). Temas como religiosidade, sexualidade, afetos, valores e tantos outros têm suscitado escritos de variadas espécies. Há de se imaginar que nada mais pode ser explorado dessa modalidade literária e perguntamo-nos se essas narrativas ainda têm algo a nos dizer. Coelho (1987, p. 9) nos adverte a esse respeito: “Sem dúvida que sim. O que nelas parece apenas ‘infantil’, divertido ou

absurdo, na verdade carrega uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida”.

Isto posto, tomaremos como *corpus* deste trabalho, os contos de fadas *Cinderela, João e Maria e A galinha ruiva*, estórias que são comumente destinadas ao público infantil e que, a partir de seu aspecto fabuloso, continuam encantando gerações. Como nos diz Coelho (1987, p. 75) em relação aos contos infantis:

Em todos, o sobrenatural, o maravilhoso, as metamorfoses, o destino... são a grande presença. Em todos, há sempre grandes provas a serem vencidas para que as personagens alcancem o que desejam. Entre o *real do cotidiano* e o *mistério do imaginário*, desaparecem as fronteiras, mostrando a vida como algo muito difícil de ser enfrentado, mas, talvez por isso mesmo, extremamente valiosa e merecedora dos mais extremos sacrifícios.

Da mesma forma, Bettelheim (1980, p. 15) afirma que “é característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica”. E é essa problemática existencial que fará a ponte entre o conflito imaginário (ou imaginado) na trama da estória e o conflito real na trama interna de cada um. E mais adiante (*idem*, p. 18) adverte: “A moralidade não é a saída nesses contos, mas antes a certeza de que uma pessoa pode ter sucesso. Enfrentar a vida com uma crença na possibilidade de dominar as dificuldades ou com a expectativa de derrota constitui também um problema existencial muito importante”.

Chalita (2003, p. 131) afirma: “Assim são os contos de fadas. Viagens imaginárias que deixam em nós marcas profundas, feitas por um tipo de ferrete poderoso, mas ambivalente, porque traz, lado a lado, as insígnias da tristeza e da alegria”.

Os contos de fadas não pretendem passar lição de moral como nas fábulas e os valores não são revelados de forma direta, mas “aparecem” na tessitura própria do texto, na trama específica, no posicionamento das personagens diante das situações a que estão expostas, tornando-se compreensíveis através da representação das figuras da estória e seus incidentes.

O REINO DOS VALORES

A expressão “reino dos valores”, aqui utilizada, é uma expressão adotada por Frankl quando este discorre que é através de tal reino que o homem encontrará

o sentido para sua vida. Tal expressão não encerra em si a conotação de inatingível, antes destaca que é o local das possibilidades de sentido (FRANKL, 1989).

Ao lermos a vasta enumeração de significados que o Dicionário Michaelis (versão *on line*)¹ traz para a palavra **valor** percebemos que ela encerra em si muitas significações: talento, coragem, esforço de ânimo, valentia, paciência, resignação etc. De origem latina (*valore*), esse vocábulo pode ser utilizado em diversas áreas do conhecimento: Direito, Economia política, Matemática, Música, Filosofia e tantas outras. Esta última, a Filosofia, é a área à qual nos reportaremos e para a qual o referido dicionário traz a seguinte significação para **valor**: “Caráter dos seres pelo qual são mais ou menos desejados ou estimados por uma pessoa ou grupo”, apresentando **valor** como uma característica humana. Percebe-se que as acepções referentes a **valor** diferem dependendo do contexto em que esta palavra está sendo utilizada e do ramo do conhecimento em que está inserida, podendo ter significação diversa até no âmbito de uma mesma área.

Inquirir sobre como o homem, ao longo da sua existência, foi desenvolvendo sua vivência em grupos, como tomava suas decisões e em que se apoiava para tal, são indagações cujas respostas o filósofo intenta conceder. É no exercício da indagação e da reflexão sobre aquilo que surge como desconhecido ou “curioso” ao homem, que a filosofia põe-se na busca por significações, não sendo diferente com a questão dos valores.

O **valor** sempre foi tema presente nas questões filosóficas e a busca por apreendê-lo aportou na Axiologia - ciência que estuda os valores, para a qual uma das grandes discussões é saber se os valores são objetivos ou subjetivos, se subsistem por si próprios ou se dependem do homem.

É no tocante aos valores que Max Scheler, filósofo alemão, irá investigar como estes se apresentam ao universo humano, criando a *Ética Material dos Valores*. Conti (2009) informa-nos que Scheler “foi o mais notável expoente da ética fenomenológica da primeira metade do século XX” e que, em todas as fases pelas quais passou, seus questionamentos filosóficos versavam sobre “o que é o homem e qual sua posição no interior do ser”. Para Scheler, os valores são tomados como

¹ <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=valor>

algo material e independente da racionalidade, pois sua apreensão se dá pela intuição.

Conforme Machado (2006):

Scheler diz que os valores se realizam de forma independente de seus suportes, sendo que é totalmente possível se ter acesso aos valores sem com isso relacioná-los a alguém. Na concepção scheleriana todos os seres humanos possuem valores como: o amor, o ódio, o afeto e a amizade. Exemplificando: "o amor ao trabalho; o amor do cão por seu dono; sabíamos tudo sobre seus amores; a regra do amor entre as araras é a felicidade; e finalmente eles fizeram amor naquela noite". Logo, segundo Scheler os valores são fenômenos dos quais podemos ter uma intuição.

Scheler encontra-se, portanto, entre os filósofos objetivistas, visto considerar que os valores são apreendidos por uma 'intuição emotiva' e não pelo entendimento psicológico. "Tal interpretação mostra que o sentimento tem suas próprias leis e também seus próprios objetos. E, portanto, acaba por ordenar um mundo desigual do racional" (MACHADO, *idem*).

Ao discorrer sobre a ética material dos valores, Scheler considera que há uma hierarquia entre estes, estabelecendo uma divisão em categorias: sensíveis, vitais, espirituais e sagrado/profano. Não iremos especificar tais categorias, importa citá-las como inspiração para as denominações criadas por Frankl, lembrando que, de acordo com Aquino (2011, p.62), "A logoterapia aceita uma postura intermediária entre o subjetivismo e o objetivismo, concebendo que o significado está na relação sujeito-objeto e identifica os perigos de reduzir a questão dos valores em um aspecto exclusivo do sujeito".

É na apreciação da filosofia scheleriana que Viktor Frankl construirá sua teoria sobre os valores e adotará a expressão "o reino dos valores", salientando que é nesse reino que o homem encontra sentidos para a sua existência (FRANKL, 1989).

VIKTOR EMIL FRANKL E A LOGOTERAPIA

Viktor Emil Frankl (Viena, 26 de Março de 1905 – 2 de Setembro de 1997) foi um médico psiquiatra e neurologista austríaco, fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, denominada Logoterapia e Análise Existencial, a qual se debruça sobre o sentido da existência do indivíduo - sentido da vida - e integra a dimensão espiritual – noética - como parte inerente à constituição do homem. A

definição de Logoterapia, conforme Frankl (1989), vem de seu próprio nome, formada por duas palavras gregas, *logos* que significa sentido, e *therapeia* (terapia) que significa ato de curar, de restabelecer, de cuidar. A logoterapia significaria, literalmente, cuidar do sentido, e o sentido ou a busca deste é, para Frankl, a grande força motivadora do ser humano.

Frankl foi o segundo filho do casal Elsa Lion e Gabriel Frankl. Tinha um irmão mais velho, Walter August, e uma irmã mais nova, Estella Josefina. Sua vida foi marcada pelas duas Guerras Mundiais, a primeira, na infância, quando sua família passa por dificuldades financeiras e tem que deixar Viena, indo se refugiar na cidade natal de seu pai, Pohrlitz, no sul da Morávia. Este momento priva Frankl de realizar dois grandes sonhos: ter sido escoteiro e possuir uma bicicleta. Durante a segunda guerra, já médico, Frankl, por ser judeu, é levado aos campos de concentração nazistas, juntamente a seus pais, seu irmão e sua esposa, Tilly. À época, poderia ter emigrado para a América do Norte com sua esposa, pois havia conseguido vistos, no entanto, decidiu ficar e acompanhar seus familiares. É no campo de concentração que ele irá experienciar e validar suas concepções acerca do sentido da vida. Concepções que já faziam parte de seu trabalho em Viena, posto que as questões existenciais, desde cedo, acompanharam-no, quando aos quatro anos toma consciência da morte, ficando chocado com a finitude do ser, sendo, porém, na maturidade intelectual que Frankl irá aprofundar seus estudos e responder às suas inquietações sobre o sentido da vida e o sentido da morte. Para esse psiquiatra e psicoterapeuta, a vida é impregnada de sentido e/ou de possibilidades de realização de sentido, mesmo diante da dor e do sofrimento último.

Precedida pela psicanálise de Sigmund Freud, na qual o homem é um ser conduzido pelos seus instintos e, por isso, impulsionado em busca, unicamente, de satisfazer seus desejos, e pela psicologia individual de Alfred Adler, na qual o homem tem como objetivo combater seus sentimentos de inferioridade para conquistar o poder, a logoterapia contrapõe-se a essas duas escolas psicoterápicas, enfatizando três aspectos não abordados anteriormente: considera o sentido da existência humana; enfatiza a busca da pessoa por este sentido; e compreende o ser humano como uma unidade composta por três dimensões: biológica, psíquica e espiritual.

Conforme Frankl (1989, p.12), “[...] o que de fato impulsiona o homem não é nem a vontade de poder, nem a vontade de prazer, mas sim o que eu chamo de vontade de sentido”.

Dessa maneira, Frankl entende que o sentido se constitui como motivação primária na vida do homem e a busca de sentido é única para cada pessoa, ou seja, o sentido é exclusivo e específico para cada um, “uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa” (FRANKL, 2007, p. 92).

Ao integrar a dimensão espiritual (noética) como constituinte do ser humano, Frankl dirá que esta é específica da existência humana, pois só o homem pode fazer interpelações sobre a vida e sobre si mesmo diante da vida. Assim, a pessoa não pode ser dividida, sua unidade está vinculada à integração das dimensões bio-psico-espiritual, formando assim sua totalidade. Aquino (2011, p. 45) expõe:

Na concepção da Logoterapia, o indivíduo possui um corpo (soma), uma psiquê, entretanto, a sua essência se encontra numa dimensão mais além: a dimensão noética /espiritual, esta última dimensão compreendida mais como uma dimensão antropológica do que religiosa. Desta forma, Frankl constitui uma maneira de abordar o ser humano e compreendê-lo de uma forma integral.

Ao negar que o homem é condicionável ou impulsionado, Frankl afirma que a pessoa humana é um ser livre, pois ainda que esteja sob um destino inexorável, ela poderá decidir como posicionar-se perante esse destino. A crença na liberdade é então um dos pilares da logoterapia, complementado pela responsabilidade. Se o homem é um ser que decide, um ser que responde às interpelações da vida, também é um ser que se responsabiliza por suas decisões. Pondera ele, ainda, que a pessoa estaria orientada para a busca do sentido em sua existência através da concretização de valores.

Assim, o homem é um ser que é convocado, inspirado por valores e sentidos, e que nunca deve ser conduzido por impulsos. Frankl (1989, p. 81) afirma: “Ora, o que nos permite compreender o valioso da vida, independentemente da estreiteza das suas circunstâncias, é precisamente a apreensão de toda a riqueza do reino dos valores”.

Na logoterapia, como antes sugerido, o reino dos valores está composto por três categorias: valores criadores, valores vivenciais e valores atitudinais (Frankl, 1989). O primeiro diz respeito à atividade de produção do homem, quando este cria algo e expressa sua capacidade de agir sobre o mundo e transformá-lo, é um “doar”

ao mundo. O segundo insere-se nas vivências dos relacionamentos, no encontro de um tu e/ou na contemplação dos valores estéticos, compreende a esfera do “receber” do mundo. Já a terceira e última categoria se refere às tomadas de decisão do homem frente a um sofrimento inevitável, sendo um “escolher” e um “decidir”.

Há uma hierarquia entre os valores e Frankl considera o valor atitudinal como aquele que está acima dos outros, mas ao mesmo tempo adverte que não existe a realização apenas por meio de um deles, cabendo ao homem encontrar o sentido a partir da realização de um ou mais valores. Assim declara Frankl (1989, p. 81):

Realmente, de quando em quando convém que o homem não se fixe, por assim dizer, perante um determinado grupo de valores: que não se aferre à sua realização, sendo, pelo contrario, suficientemente “dócil” para se deslocar a um outro grupo de valores que esteja mais além [...]. A este respeito, a vida pede ao homem uma elasticidade declarada, uma adaptação elástica às oportunidades que se lhe oferecem.

É no tocante às vivências dos valores que procuramos mostrar como essas podem ser identificadas nos contos de fadas: como se apresentam as personagens em suas experiências de vida, em suas relações com o mundo e com os seus semelhantes. Que atitudes, diante das dificuldades as personagens tomam e como se posicionam para resolver seus conflitos.

Buscando atingir esse objetivo, elencamos para análise os contos de fadas *Cinderela*, *João e Maria* e *A galinha ruiva*, cada um dizendo respeito a cada uma das modalidades de valores preconizadas por Frankl e que são relatados, sumariamente, abaixo:

CONTOS ELENCADOS:

1 - Cinderela²

Era uma vez, no tempo dos reis e rainhas, uma linda menina que se chamava Cinderela. Ela morava com uma madrasta muito má que tinha duas filhas. Essas irmãs de Cinderela eram duas moças egoístas e que não gostavam de trabalhar, era Cinderela quem tinha de fazer tudo em casa. Um dia ela ajudou as irmãs a se ajeitarem para ir a um baile, mas não poderia ir porque tinha de limpar toda a casa e

² <http://www.contandohistoria.com/cinderela.htm>

não tinha um vestido bonito para usar na festa. Sua fada madrinha apareceu e utilizando sua varinha de condão limpou toda a casa num piscar de olhos e fez de suas vestes sujas um lindo vestido, dando-lhe também sapatinhos de cristal. Transformou uma abóbora numa linda carruagem, camundongos em cavalos e um rato em cocheiro. Assim, Cinderela estava uma verdadeira princesa, mas a fada advertiu-a que o encanto se romperia à meia noite, voltando tudo a ser como era antes. Ao chegar ao baile o príncipe logo se apaixonou por Cinderela e quando o relógio tocou a meia noite Cinderela correu pela escadaria do palácio e perdeu um dos seus sapatos de cristal. Querendo encontrá-la, o príncipe ordenou que todas as moças do reino experimentassem o sapato. Embora as irmãs e a madrasta não quisessem que Cinderela experimentasse o sapato, ela teve que fazê-lo por ordem estrita do príncipe. Assim, a jovem Cinderela e o príncipe se casaram e viveram felizes para sempre.

2 - João e Maria³

João e Maria eram dois irmãos que viviam num pequeno casebre com seus pais, perto de uma grande floresta. A família era muito pobre e o trabalho de lenhador do pai já não era suficiente para sustentar a mulher e os dois filhos. Certa noite, após muita discussão, a mulher conseguiu convencer o marido a abandonar as crianças na floresta, pois não havia mais comida para os quatro. As crianças, que ouviam tudo atentamente atrás da porta, ficaram aterrorizadas, e João tranquilizou Maria, dizendo que daria um jeito para que eles pudessem voltar para casa. No dia seguinte, a mãe os fez levantar muito cedo e foram os quatro para dentro da floresta. Ao chegar num ponto que a mulher considerava bastante distante, deixaram as crianças ali junto de uma pequena fogueira. Maria soluçava de medo e tristeza por ter sido abandonada, mas João esperava calmamente sentado perto do fogo. Quando a noite chegou, João mostrou a Maria o motivo de sua tranquilidade: ele havia marcado o caminho com brilhantes pedrinhas brancas que reluziam ao luar e seguindo essa trilha luminosa eles voltaram para casa. Que grande surpresa teve o pai quando encontrou as crianças em casa, porém a comida voltou a faltar e novamente a mãe persuadiu o marido a abandonar as crianças na floresta. Dessa

³ <http://pt.shvoong.com/books/mythology-ancient-literature/1725971-jo%C3%A3o-maria/>

vez, as portas da casa foram trancadas e João não pôde sair para buscar as pedrinhas que marcaram o caminho da primeira vez. Então, no dia seguinte, enquanto eram levados para a parte mais densa e escura da floresta, João espalhava migalhas de pão pelo caminho para que pudessem voltar pela trilha depois. Mas a fome que assolava a região não poupou os animais da floresta e ao verem as migalhas no chão os pássaros apressaram-se em comê-las. Perdidos na mata fechada, João e Maria andaram por muito tempo sem saber ao certo aonde chegariam. Depois de muito andar e famintos, eles chegaram numa clareira onde bem no centro havia uma pequena casa. Mas essa casa não era uma casa comum, ela era inteira feita de doces e guloseimas. Com a fome com que estavam, João e Maria avançaram sobre a casa e começaram a devorar seu telhado de bolo e as vidraças de açúcar. Quando Maria quebrou a vidraça de açúcar, uma velha senhora veio ver o que acontecia e vendo que as crianças estavam esfomeadas, convidou João e Maria para entrarem, dizendo que prepararia uma refeição melhor para eles. Ao entrarem na casa, a velha senhora mostrou sua verdadeira face. Ela era uma bruxa que vivia no meio da floresta e usava sua casa de doces para atrair crianças para depois comê-las. Logo que entraram na casa da bruxa, João foi jogado numa gaiola e Maria foi posta para fazer os serviços domésticos. A intenção da bruxa era engordar João o máximo possível e depois fazer dele um delicioso banquete. Mas João era um menino muito esperto. Percebeu logo que a velha bruxa não enxergava muito bem. Então, todos os dias, quando ela mandava que ele mostrasse o dedo para que pudesse ver se João já estava gordo o suficiente, ele, na verdade, lhe mostrava um ossinho de galinha. Depois de muito esperar e nada de João engordar, a velha bruxa se cansou de esperar e decidiu que iria comê-lo magrelo mesmo. Ela mandou que Maria preparasse o forno para que ele fosse assado como um leitão. Maria, vendo a oportunidade que se apresentava, fingiu não saber como se acendia um forno e quando a bruxa se inclinou para mostrar a ela como se fazia, Maria deu um grande empurrão e fechou a bruxa dentro do forno. Maria libertou João da gaiola e juntos eles vasculharam a casa da velha bruxa à procura de algo para levar para casa. Nos baús, encontraram muitas joias e também muitas moedas de ouro. João encheu seus bolsos e Maria lotou o avental com os tesouros da bruxa. Para voltar para a casa eles foram ajudados por um belo ganso que lhes atravessou o rio e mostrou a eles o caminho que deveriam seguir. Ao chegarem em casa, encontraram o pai bastante triste, pois a mãe havia morrido e ele se arrependera amargamente

de ter abandonado os filhos na mata. Com o tesouro roubado da bruxa, os três nunca mais passaram fome e viveram juntos e felizes para sempre.

3 - A Galinha Ruiva⁴

Era uma vez uma galinha muito trabalhadora e desembaraçada. Ela cumpria sempre as suas tarefas e enfrentava qualquer obstáculo que se opusesse à sua determinação. Junto de sua casa viviam três amigos que de comum só tinham a pouca vontade de colaborar e trabalhar. Prontos, estavam sempre... mas para usufruírem, sem esforço, do trabalho dos outros. Certo dia, andava ela na sua labuta diária, depenicando aqui, escavando acolá, quando deparou com uma mão-cheia de espigas de trigo. "Mas que coincidência! E eu que andava justamente a pensar em semear uns grãosinhos... As sementes vão germinar, as novas plantas vão crescer e produzir muitas e muitas espigas. Com sorte, vou obter uma excelente colheita e poderei fazer pães saborosos." Enquanto corria para casa dos três vizinhos preguiçosos, sentia já no ar o cheirinho de pão. Quando chegou junto deles, contou-lhes os seus planos. E pediu:

"Quem me ajuda a semear os grãos de trigo?"

"Ora galinha, tu achas que são horas de falares em trabalho?!", perguntou o gato.

"Vê se tens uma ideia melhor. Eu quero comer e dormir.", disse o cão.

"Eu também. Trabalhar faz calos.", acrescentou o pato.

"Muito bem, eu faço o trabalho sozinha.", respondeu com azedume a galinha, acompanhando as palavras com um gesto de desagrado. Foi para o campo, cavou-o, estrumou-o e lançou as sementes à terra. Finalmente, regou todo o terreno semeado, pois sabia que, para uma boa germinação, nada melhor que uma boa rega, com peso, conta e medida. No fim do trabalho, deitou-se na terra e descansou, satisfeita consigo própria. No entanto, a recusa dos três vizinhos ainda não se lhe apagara da memória. Durante todo o Verão, o trigo cresceu, cobrindo o campo com as suas folhas e espigas. A galinha providenciou regas abundantes e os insetos e o vento também trabalharam, na sua missão de polinização, sem a qual não seria possível aparecerem as espigas elegantes e recheadas de grãos. No fim do Verão, as espigas amadureceram e ficaram prontas para serem colhidas. A galinha estava entusiasmada e foi pedir ajuda aos três vizinhos.

⁴ http://escolovar.org/conto_galinha.ruiva01.htm

"Quem me ajuda a cortar o trigo maduro?", pediu ela.

"Ora galinha, tu achas que são horas de falares em trabalho?!", perguntou o gato.

"Vê se tens uma ideia melhor. Eu quero comer e dormir.", disse o cão.

"Eu também. Trabalhar faz calos.", acrescentou o pato.

A galinha ficou a resmungar contra a má vontade dos três preguiçosos, mas teve de se resignar. Enquanto cortava o trigo, ia matutando numa lição que queria dar aos malandros dos vizinhos. "Já sei! Vão ter uma surpresa.", exclamou ela, saboreando já o momento da sua desforra. Depois de cortado, o trigo foi debulhado e os grãos encheram vários sacos. Como estes eram muito pesados, a galinha ruiva achou melhor recorrer à ajuda dos vizinhos já nossos conhecidos. "Talvez", pensou ela, "estejam com fome e possam ajudar-me, na esperança de receberem algo de comer em troca." E, animada por esta explicação, dirigiu-se a casa deles.

"Quem me ajuda a carregar os sacos de trigo?", perguntou ela, com um sorriso no bico.

"Ora galinha, tu achas que são horas de falares em trabalho?!", perguntou o gato.

"Vê se tens uma ideia melhor. Eu quero comer e dormir.", disse o cão.

"Eu também. Trabalhar faz calos.", acrescentou o pato.

A galinha, com muito esforço, carregou os sacos e levou-os para o moinho. Como era agradável respirar o ar do moinho! A moagem foi demorada, mas resultou numa farinha muito fina e perfumada, intensificando o cheiro caraterístico dos moinhos. A galinha tateou a farinha. Estava excelente! Foram precisos vários meses para obter a farinha com que iria fazer o pão, mas o seu trabalho fora recompensado. A galinha já não contava com os três vizinhos preguiçosos e levou a farinha para casa sozinha. O fabrico do pão começa pela preparação da massa. Um dos ingredientes é a levedura. A massa é posta a levedar, isto é, a fermentar. Tudo isto a galinha fez sozinha. Depois de a massa estar bem amassada, a diligente galinha deu-lhe a forma de muitos pães, que colocou no forno quente. Lá fora, os mandriões foram despertados por um aroma de fazer crescer água na boca. "- Que cheirinho!", exclamaram ao mesmo tempo. E, acorreram de imediato à casa da galinha ruiva.

"Ó galinha, nós somos velhos amigos. Eu acho que mereço uma boa fatia", atreveu-se o gato.

"Vê se não te esqueces de mim. Estive sempre disponível para te ajudar.", mentiu o cão.

"Eu também. Trabalhar é comigo.", acudiu o pato.

A galinha já esperava aquela reação. Aqueles malandros mereciam uma lição. Cuidadosamente, começou a cortar um pão em fatias. Quando os três mandriões se preparavam para estender a mão, a galinha, triunfante, ignorou-os e chamou os seus pintinhos. Ela e os filhinhos saborearam aquele pão que tanto trabalho dera para fazer. Humilhados, os três preguiçosos retiraram-se despercebidamente. «Quem não trabuca, não manduca!», ainda ouviram, ao longe, a galinha ralar. E, durante largo tempo, arrastaram consigo o fardo da culpa por não terem sido amigos do trabalho.

ANÁLISE LOGOTERÁPICA DOS CONTOS REFERIDOS:

1 – CINDERELA

Dentre os valores de bondade, humildade, simplicidade e singeleza, é a humildade o valor que se sobressai neste conto de fadas, levando-nos a pensar sobre a capacidade de doação de Cinderela. Sendo humilhada, desprezada e injustiçada pela madrasta e suas filhas, a jovem ainda assim tudo faz para agradá-las; cuidando da casa, cozinhando e ainda contribuindo para o embelezamento de suas irmãs que, como todas as moças da redondeza, haviam sido convidadas para uma festa na corte do rei, que esperava encontrar uma esposa para seu filho – o príncipe. Por ordem de sua madrasta, Cinderela foi obrigada a ficar e colocar toda a casa em ordem.

A jovem poderia sentir-se injustiçada e ficar revoltada, mas não é isso que acontece: ela, simplesmente, também deseja e sonha ir ao baile, mesmo tendo a convicção de que será impossível, pois não tem vestimenta adequada nem um transporte à altura de uma jovem do reino. E a esse respeito Chalita (2003, p. 133) nos diz “Cinderela, apesar de preterida, subjugada e rebaixada à condição de serviçal explorada e espicaçada, não acolhe, nem alimenta sentimentos negativos tanto em relação às vilãs como em relação ao mundo de forma geral”. E adiante ele complementa: “Seu caráter nobre, sua índole pacífica e tranquila, seu jeito meigo e

doce não oferecem condições para que a vingança, a raiva, a inveja e o ódio se instalem em seu coração repleto de generosidade e amor”.

Sua índole boa e sua pureza de coração “parecem dizer-lhe” que a humildade é a postura ideal de colocar-se frente aos adversários, é a melhor forma de encarar a situação, visto que não tem conhecimento do instante seguinte da vida. Qual a saída para a resolução de seus impasses?

Na narrativa seus sonhos abrem o leque das possibilidades, que chegam através da fada-madrinha. É o momento do enlevo, da transformação transposta para a realidade. É o momento do posicionamento, do fazer acontecer, da tomada de decisão à qual somos submetidos diariamente. Num misto de encanto, alegria e surpresa, mesmo sob ordens expressas de um tempo limitado, Cinderela consegue “libertar-se” da proibição da madrasta, chegar ao baile e dançar com o príncipe. Um encontro que marcará sua trajetória. Muitas vezes, é ao transgredir regras estabelecidas pela sociedade e pela cultura que podemos expor nossa visão de mundo e posicionarmo-nos com relação a nossa própria vida.

Naquele momento “mágico” todas as mazelas são desprezadas, os maus tratos relegados ao esquecimento e mesmo tendo que sair às pressas, perdendo um de seus sapatos, retorna à sua condição de serviçal com a mesma humildade de antes. O que antes era sonho agora embala sua realidade, suas horas de dor e humilhação.

Quando o mensageiro do príncipe solicita que as moças calcem o sapato que fora deixado na escadaria do palácio, novamente Cinderela é desprezada pela madrasta, porém a ordem do príncipe deve ser cumprida e, ao calçar o sapato, a jovem que suportou tantas humilhações é reconhecida como aquela que esteve no palácio e que encantou o príncipe.

Entendemos que o percurso realizado por Cinderela até o encontro com o príncipe foi um caminho tortuoso, difícil de ser trilhado, mas entendemos, também, que só a disposição de percorrê-lo, de acreditar-se capaz de ultrapassá-lo promoveu-lhe a vitória almejada – a conquista do amor.

A humildade, na verdade, funcionou como resistência às influências malélicas da madrasta e proporcionou o crescimento interior de Cinderela, que, mesmo sofrendo o desprezo e a vilania de suas carrasças, transcende todos os sentimentos que possam levá-la a uma vingança e concede o perdão às malfeitoras. Além de resistência, a humildade também facultou a descoberta das suas próprias

potencialidades, levando-a “a conquistar, no final de tudo, a recompensa necessária em forma de felicidade eterna” (CHALITA, p. 134).

Em referência às categorias de valores da logoterapia este conto situa-se entre os valores vivências. É na perspectiva da realização do encontro com um tu que Cinderela exerce sua liberdade, enfrenta obstáculos e toma decisões. Frankl (2007, p. 100) nos diz que “[...] através do seu amor a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar [...] potencialidades”. É na centelha do amor de Cinderela que o príncipe investe esforços na procura por aquela que conquistou seu coração, realizando também suas potencialidades.

2 - JOÃO E MARIA

No tocante ao conto *João e Maria*, este reflete com ênfase o valor da fraternidade. Diante de muitas adversidades essas destemidas crianças passam por muitas provações em busca de manterem-se vivas e próximas. A luta pela sobrevivência é o eixo central da narrativa, ainda que essa sobrevivência apareça diversificada. Como passar pela dor do abandono e sobreviver? De que maneira combater as dores da fome? Como passar pela constante ameaça de morte e permanecer vivo? São questões que permeiam todo o conto e é no desdobramento de encontrar saídas para desvencilhar-se dos infortúnios a que foram expostos, que essa maravilhosa estória dos Irmãos Grimm cativa a todos por tanto tempo.

Ao descobrir que seus pais pretendem deixá-los na floresta, o primeiro receio que surge é o medo do abandono, do estar longe do aconchego do lar e da proteção dos pais. Eis então a primeira oportunidade que levará João a pensar sobre uma forma de desvencilhar-se de tal situação. Tranquiliza sua irmã sobre a condição a que estão impostos e traça um plano para voltar ao lar. Colhe pedrinhas reluzentes e marca o caminho de volta, atinge seu objetivo e acredita que tudo está solucionado.

Entretanto, a família volta a passar por dificuldades financeiras e a mãe, novamente, planeja abandonar as crianças na floresta. E João, ciente de tudo, pretende por em prática o mesmo plano anterior. Mas, na impossibilidade de colher pedrinhas, distribui pelo caminho migalhas de pão. Ao tentar retornar, descobre que os pássaros haviam comido todas as migalhas e, realmente, estavam perdidos. Era mais um desafio que se colocava diante deles. Com fome e frio, resolvem sair em

busca de alimento e abrigo e ao se embrenharem na floresta, avistam uma casa feita de doces, da qual começam, então, a retirar pedaços e comer. Tudo indica que o problema, pelo menos o da fome, está resolvido. Eis que da casa surge uma senhora que, se dizendo sua amiga, promete ajudá-los.

Todavia a velha senhora não passava de uma bruxa, que usava sua casa de doces para atrair as crianças e depois comê-las. Assim, João foi preso numa gaiola para que engordasse e Maria foi obrigada a fazer todos os serviços da casa. Embora estivessem sendo alimentados e abrigados, eles eram reféns das artimanhas daquela mulher. Apresentava-se um novo obstáculo a ser vencido. João, para não atender aos propósitos da bruxa, mostrava um osso de galinha todas as vezes que a bruxa solicitava que ele mostrasse o dedo. E, dessa forma, retardava o momento de ser levado à panela. Maria, por sua vez, percebe a dificuldade visual que a bruxa tem e quando esta decide não mais esperar que João engorde, ordenando que Maria acenda o forno, a mesma diz não saber fazê-lo e, encontrando a “saída” para libertá-los da prisão, empurra a bruxa no forno e liberta João.

É no amor mútuo que este conto de fadas mostra-nos a grandeza e o valor da fraternidade. É na ajuda recíproca, que não é imposta ou solicitada, mas, simplesmente, partilhada e reconhecida, que os irmãos João e Maria vivenciam as dificuldades com as quais se defrontam na vida e, mesmo diante das dores do abandono, da necessidade de saciar a fome e do medo da morte, unem forças e buscam encontrar soluções. A fraternidade que os une é alimento para a alma e fortaleza para vencerem as adversidades.

Tomando os valores de acordo com a logoterapia, a categoria de valor aqui exposta é o valor atitudinal, demonstrado por essas personagens que transcendem seus sofrimentos em prol de ajudar e/ou favorecer uma melhor condição de vida ao outro e de novamente voltar ao lar. “Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma – dedicando-se a servir a uma causa ou a amar outra pessoa – mais humana será e mais se realizará” (FRANKL, 2007, p. 100).

O conto de fadas *João e Maria* mostra-nos que, enquanto pessoas, estamos expostos à vida e esta permanece o tempo todo a nos pedir respostas. Como nos diz Frankl (2007, p. 98).

Em última análise, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é *ela* que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder

à vida *respondendo* por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável. Assim, a logoterapia vê na responsabilidade (*responsibleness*) a essência propriamente dita da existência humana.

É nesse intercurso de responder à vida que a dinâmica existencial se estabelece. Ao tomar atitudes diante das dificuldades que vivenciamos, mesmo diante das dores e dos sofrimentos, podemos fazer valer nossa liberdade de escolha e respondermos à vida, não nos esquecendo de responsabilizarmo-nos pelas atitudes tomadas.

3 – A GALINHA RUIVA

No tocante ao conto “A galinha ruiva”, sua narrativa é simples e objetiva. O conflito é claramente exposto. Há três solicitações da galinha ruiva aos seus vizinhos – o gato, o cão e o pato - para a confecção de um pão. Inicialmente precisa de ajuda para semear o trigo, depois para cortar o trigo maduro e, em seguida, transportá-lo para o moinho. Mas em nenhuma das solicitações ela é atendida. Todos tinham uma desculpa e desdenhavam do seu empenho. Mas, resoluta em seu empreendimento, a galinha ruiva inicia seus afazeres para atingir sua meta – fazer um delicioso pão.

Assim, realiza todas as tarefas: planta, colhe, moe e faz o pão que tanto queria. Ao sentir o cheirinho do pão, todos os animais a quem a galinha havia pedido ajuda começam a se aproximar, mostrando-se como vizinhos amigos e sempre dispostos a ajudar, porém, querendo apenas, usufruir o que já estava feito, ou seja, desfrutar à custa do trabalho alheio. E a galinha ruiva, resolutamente, corta o pão em fatias e chama seus filhotes para se servirem de tão saboroso alimento, privando o gato, o cão e o pato da partilha do pão, e possibilitando, aos seus vizinhos, reflexões sobre suas condutas nada solidárias.

Como dissemos acima, este conto tem uma trama bem clara e o valor apregoado está bem explícito. O seu ponto alto é o valor do trabalho, da união de forças para a criação de algo, da realização de tarefas para a obtenção de um resultado. O ilustre pensador Max Weber, alemão que viveu entre 1864 e 1920, cunhou a expressão famosíssima “o trabalho dignifica o homem” que muito fala sobre a importância do trabalho em uma sociedade. O trabalho promove realizações e a escusa a essa realização por meio da preguiça ou descaso leva à inércia.

Em relação a logoterapia, o valor do trabalho está, intimamente, ligado aos valores criadores ou criativos, são valores em que o homem, fazendo uso de suas potencialidades, cria e oferece algo ao mundo. A galinha ruiva entende a importância do processo de criação e a riqueza das tarefas que executa: plantar o trigo, colher a espiga, debulhar, moer para obter a farinha e fazer o pão. São muitos processos, mas é através da realização deles que ela obtém o produto final e sente que cumpriu sua missão quando alimenta seus filhotes. Doou algo de si para o mundo e não era seu intento realizar tudo sozinha, mas com a parceria da comunidade.

O trabalho faz parte da existência humana, uma vez que a pessoa só cria através do trabalho, ele é primordial na criação da própria vida, essencial na construção da existência, como afirma Frankl (1989, p. 171) “[...] o trabalho pode representar o campo em que o "caráter de algo único" do indivíduo se relaciona com a comunidade, recebendo assim o seu sentido e seu valor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja no universo adulto ou no infantil, o reino dos contos de fadas continua a exercer fascínio e aprendizado e o reino dos valores está cotidianamente disponível ao homem.

Ao adentrarmos no reino dos contos de fadas e no reino dos valores, notamos quão extenso eles são e quão próximos estão, quem sabe até se complementem? O reino dos contos de fadas está permeado por personagens variadas e sentimentos díspares, já os valores subsistem no reino em categorias que os qualificam, mas não se excluem.

Ao darmos lugar a um diálogo entre estes reinos fomos presenteados com um aprendizado lúdico e edificante. Os contos de fadas transmitem valores e acreditamos na sua utilização como ferramenta importante para a compreensão do homem diante de seus dilemas existenciais. Sabemos que as relações humanas, seja com o semelhante ou com as coisas do mudo a sua volta, geralmente ocorrem por meio de experiências configuradas como divertidas, educativas, penosas e/ou sofridas.

Identificar que valor está de forma mais evidente nos contos analisados, de acordo com as categorias de valores da logoterapia, foi, de fato, difícil, visto que os

valores se imbricam. Assim, no conto *Cinderela*, identificamos os valores vivenciais e atitudinais, em *João e Maria*, os valores atitudinais e criadores, já no conto *A galinha ruiva* o valor criador está bem evidente, mas não deixamos de perceber a existência de valores atitudinais. Verificamos, portanto, que há uma interligação dos valores, tornando-se impossível dissociá-los, entretanto, constatamos que em cada análise há o destaque de uma categoria de valor sobre as demais.

A qualquer categoria de valor à qual o homem se dirija, ele estará realizando vivências, tomando atitudes e criando situações, visto que, no exato momento em que construímos nossas vidas/vivências, estamos, também, contribuindo para a construção ou destruição de vidas/vivências alheias.

Acreditamos que excursionar no reino dos contos de fadas e por meio deste adentrar ao reino dos valores configura-se como uma aventura e um aprendizado existencial. Imergir no conflito, no sofrimento, na experiência das personagens e emergir com as mesmas depois de uma “visita” ao campo das possibilidades é deveras interessante para a apreensão do reino dos valores, o que bem poderia se aplicar à logoterapia da criança.

Quando fazemos tal afirmativa, queremos aludir a uma ideia colocada sob a forma de projeto, visto ser do nosso interesse, no futuro, elaborar um trabalho, através do qual, possamos analisar a possibilidade da utilização dos contos de fadas na logoterapia aplicada à criança. Embora este ainda se configure como um campo, relativamente, pouco investigado e uma vez que, a base da logoterapia está centrada na questão alusiva aos valores, poderíamos, então, narrar os contos de fadas para crianças e, em seguida, propor que as mesmas identificassem os valores ali contidos. Mas tal intenção já se configura como outro conto ou outro encontro existencial.

Responder à vida é fazer uso de possibilidades para soluções ainda não vislumbradas e o reino dos valores - seja por meio da vivencia, da criatividade ou da atitude - está cheio delas, resta à pessoa, fazendo uso da liberdade, definir e escolher entre inúmeras possibilidades aquela que “produz”, naquele momento da sua existência, o sentido da sua vida.

Mesmo quando os contos de fadas finalizam com um “felizes para sempre”, entendemos que este “para sempre” não é o sempre da eternidade, mas o sempre da “internidade” dos valores que, gerando vivencias, produzem memórias que jamais serão arrebatadas, ainda que “nunca mais” possam ser repetidas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago Antonio Avellar. **Logoterapia e análise existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987. (Série Princípios).

CONTI, Luiza Maria. **Contribuição de Max Scheler para a filosofia clínica**. São Paulo: Instituto Packter. 2009 (Dissertação de Especialização). Disponível em: <<http://www.institutointersecao.com/scheler.pdf>>. Acessado em: 28 maio 2012.

FRANKL, Viktor Emil. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 1989.

_____. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **A psicoterapia na prática**. Campinas: Papyrus, 1991.

KAST, Verena. **O amor nos contos de fadas**: o anseio pelo outro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MACHADO, Marisa. Scheler: a ética material dos valores. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 2., 2006, Santa Maria. **Anais eletrônicos**. UFSN, 2006. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/016e2.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

PAES, Fabiano Pures. Considerações sobre a filosofia da cultura e formação de valores em Max Scheler. **Revista Intuito**. Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 106- 118, nov. 2008.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger.; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em revista**. Belo Horizonte, v. 15, n. 2, ago. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200009>. Acessado em: 05 maio 2012.

VOLKMER, Sérgio Augusto Jardim. **O perceber do valor na ética de Max Scheler**. (Dissertação de mestrado). 2006, Departamento de Filosofia, PUC- Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

XAUSA. Izar Aparecida de Moraes. A psicologia do sentido da vida. Petrópolis: Vozes, 1988.